



A FILOSOFIA DA MATRIX¹: HÁ 20 ANOS O CINEMA ENSINOU A FILOSOFAR DE UM JEITO BEM LEGAL

*Tradução: Jairo Bastos
Mestre em Filosofia pela PUC/PR*

Em março (31) de 1999 (há 20 anos!) estreava nos EUA um dos melhores filmes que já pude assistir. Na verdade, por aqui, ele só foi exibido em maio (08) do mesmo ano, por incrível que isso possa parecer, três meses depois. O filme contou com uma série de efeitos revolucionários para época, atores experientes e muita tecnologia. Na trama um assunto tão absurdo quanto interessante: a possibilidade de o mundo ao qual tomamos por real ser apenas fruto de nossa fantasia. Nada do que supomos saber sobre a verdadeira realidade de fato existe (se isto te lembra Platão e Descartes não é mera coincidência).

Tomado pelo cenário e temas tecnológicos logo arrebanhava milhares de fãs que, numa observação mais desatenta, se pareciam muito com os nerds da época, aliás, que eu mesmo fazia parte. Entretanto, o assunto do filme não era tão óbvio quanto seus fãs: máquinas superinteligentes que escravizaram a

¹ The philosophy of The Matrix. By Neurophilosophy. Fonte: <https://scienceblogs.com/neurophilosophy/2007/08/04/the-philosophy-of-the-matrix> Acesso em abril/2019 (adaptado).

humanidade, deixando-a presa em casulos. Levando cada um a se imaginar sendo o que é. Onde, dormente, pensava viver sua vida, seus sentimentos, trabalhar, fazer negócios, amar, etc., mas que na verdade, não passavam de mera bateria. Falando assim, pode parecer um enredo comum e sem muito sentido, entretanto, não é o caso de Matrix. Pensar nesse filme é pensar numa aula de filosofia que qualquer uma gostaria de ter.

No filme Matrix (Andy e Larry Wachowski) o ator Keanu Reeves interpreta um programador de computador que leva uma vida dupla como hacker chamado "Neo". Depois de receber algumas mensagens enigmáticas em seu computador, Neo começa a procurar pelo obscuro Morpheus (Laurence Fishburn), o líder de um grupo de resistência clandestino, que ele (Neo) acredita ser responsável pelas mensagens. Eventualmente, Neo encontra Morpheus, e é então dito que a realidade é muito diferente do que ele e a maioria das outras pessoas, percebem que é.

Morpheus fala a Neo que a existência humana é apenas uma fachada, uma mentira. Na verdade, os seres humanos estão sendo "cultivados" como fonte de energia por uma raça de máquinas sencientes (que recebem sensações) e malévolas. As pessoas vivem suas vidas presos em uma espécie de casulo, com seus cérebros sendo alimentados com estímulos sensoriais que lhes dão a ilusão de levar vidas "comuns". Morpheus explica que, até então, a "realidade" percebida por Neo é, na verdade, "um mundo onírico, isto é, irreal, um sonho gerado por um computador, uma simulação neural interativa" chamada Matrix.

A Matrix está baseada em uma questão filosófica levantada pelo filósofo e matemático francês do século XVII René Descartes. Uma de suas teses mais importantes é a autonomia intelectual ou a capacidade de pensar por si mesmo. Para Descartes, isso implica não apenas ter uma "boa mente", mas também "aplicá-la bem".

Descartes sabia que suas experiências sensoriais nem sempre coincidiam com a realidade e usou um argumento que ficou conhecido como o *Argumento da Cera* (de uma vela acesa) para demonstrar como os sentidos não são confiáveis: os sentidos nos informam que uma vela ou sua cera tem uma forma, textura, cheiro, etc. específicos quando a cera da vela é trazida perto de uma chama. Diz:

“Tudo o que aceitei até agora como sendo absolutamente verdadeiro e seguro, aprendi com ou por meio dos sentidos. Mas, algumas vezes descobri, que esses sentidos me enganavam, é prudente nunca confiar inteiramente naqueles que uma vez nos enganaram... Assim, o que pensei ter visto com meus olhos, na verdade compreendi apenas com a faculdade do juízo, que está em minha mente”.

Descartes, portanto, desconfiava de suas percepções, do conhecimento obtido por meio de seus sentidos, e de todas as suas próprias crenças. Ele se convenceu de que é preciso usar a mente, em vez dos sentidos, para obter informações sobre o mundo. No sistema de conhecimento construído por Descartes, a percepção não é confiável como meio de coletar informações, e o processo mental de *dedução* (inferência lógica de um raciocínio; conclusão, ilação) é a única maneira de adquirir conhecimento real do mundo.

Em *Meditações sobre a Primeira Filosofia*, publicado em 1641, Descartes leva essa ideia aos seus limites e chega à conclusão de que, talvez, todas as suas experiências estejam sendo conjuradas por um *gênio maligno*

“firmemente implantado em minha mente está a opinião de longa data que existe um Deus onipotente que me fez o tipo de criatura que eu sou. Como posso assegurar que esse Deus não tenha feito que haja nenhuma terra, nenhum céu, nenhum corpo extenso, nenhuma figura, nenhuma grandeza, nenhum lugar, enquanto ao mesmo tempo asseguro que todas essas coisas me pareçam existir como existem agora? Além disso, assim como considero que os outros, às vezes, também se enganam nas coisas que pensam saber com maior certeza, como sei que Deus não fez isso? Posso também me enganar toda vez que eu faço a adição de dois ou três, ou em que conto os lados de um quadrado, ou em que julgo alguma coisa ainda mais fácil, se é que se pode imaginar algo mais fácil que isso? [mas] já que se diz que Deus é soberanamente bom ... eu suponho ... [que] algum gênio maligno e malicioso empregou toda sua destreza a fim de me enganar. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as formas, os sons e todas as coisas exteriores são meramente ilusões e enganos que ele se serve para surpreender meu julgamento.

Descartes, portanto, abordou todo o conhecimento, inclusive o seu, de uma perspectiva altamente cética. Apesar de seu ceticismo, Descartes estava certo de que não se poderia ser enganado sobre a própria existência, daí seu famoso ditado *cogito ergo sum* (Penso, logo existo "). Com isso, Descartes quis dizer que a única coisa que ele não duvidava era de sua própria existência, porque o ato de pensar e duvidar da realidade de suas percepções era a afirmação de sua existência: ao dizer "penso, logo existo", ele estava definindo "verdade" em termos de dúvida.

O argumento de Descartes é epistemológico, isto é, refere-se ao conhecimento. Questiona a natureza, limites e validade do conhecimento humano. Em vez de investigar a natureza da realidade, Descartes questiona seu próprio conhecimento e interpretação da realidade. Usando o ceticismo metodológico, Descartes duvidou de qualquer coisa que pudesse ser posta em dúvida, a fim de estabelecer uma base para o conhecimento genuíno. Em termos de epistemologia, muito do nosso conhecimento adquirido é adequado para explicar o mundo, mas não existe a verdade "absoluta".

Uma versão moderna da teoria de Descartes é um experimento mental chamado "cérebro em um barril". Esta versão da filosofia cartesiana, consta do argumento de Hilary Putnam:

“Imagine que um ser humano tenha sido submetido a uma operação por um perverso cientista. O cérebro da pessoa foi removido do corpo e colocado em um tanque de nutrientes que o mantém vivo. As terminações nervosas foram conectadas a um computador que faz com que a pessoa tenha a ilusão de que tudo é perfeitamente normal. Parece haver pessoas, objetos, o céu, etc., mas realmente, tudo o que a pessoa está experimentando não passa do resultado de impulsos elétricos que viajam do computador para suas terminações nervosas. O computador é tão inteligente que se a pessoa tentar levantar a mão, o feedback do computador fará com que ele 'veja' e 'sinta' a mão sendo levantada. Além disso, ao variar o programa, o perverso cientista pode fazer com que a vítima "experimente" (ou pense experimentar) qualquer situação ou ambiente que o tal cientista desejar. Ele também pode apagar suas memórias, de modo que a vítima pense que sempre esteve nesse ambiente. Pode parecer à vítima que está sentada e lendo essas mesmas palavras achando graça de tal situação, acreditando ser absurdo, que exista um cientista perverso que remova cérebros das pessoas de seus corpos e os coloquem em um tonel de nutrientes que os mantenham vivos”.

O “cérebro no barril” de Putnam, embora seja apenas uma repetição do argumento de Descartes, está mais diretamente relacionado a Matrix. No filme, os casulos em que os humanos passam a vida representam o barril. A única diferença é que, em vez de apenas conter cérebros fora de seus corpos, os casulos contêm todo o corpo.

Em teoria, os computadores poderiam simular a realidade se os estímulos sensoriais correspondentes à experiência humana pudessem ser determinados e "executados" como um programa de computador, que poderia "funcionar" em algum tipo de implante cerebral avançado. Na prática, entretanto, mesmo se os cálculos exatos necessários para gerar um fluxo

constante simulado de consciência fossem determinados, não haveria computador no mundo poderoso o suficiente para realizar os cálculos necessários. O supercomputador mais poderoso do mundo não é poderoso o suficiente para processar a informação visual que entra no olho de uma *mosca da fruta* ao longo de um período de um segundo, quanto mais gerar o fluxo de consciência de um ser humano. - No entanto, algumas pessoas podem argumentar que, com os avanços tecnológicos na velocidade de processamento e os da computação quântica, os computadores poderiam ter o poder de simular a consciência humana num futuro previsível.

A noção, proposta por Descartes, de que todas as nossas percepções são falsas a princípio parece ridícula, mas é, de fato, difícil refutar. Descartes estava certo em desconfiar de seus sentidos. As ilusões de ótica são um bom exemplo de estímulos sensoriais que produzem uma discrepância entre o que vemos e o que experimentamos, e há inúmeros outros exemplos, como condições psíquicas em que as alucinações visuais da audição são sintomas. No caso das ilusões óticas, estamos cientes da discrepância, mas, caso contrário, normalmente não questionamos nossos sentidos. Para Descartes, até mesmo a suposição mais básica sobre a realidade deveria ser posta em dúvida.

Mesmo quando não nos atentamos as ilusões de ótica, e percebemos o mundo como deveríamos percebê-lo, ainda estamos sendo enganados por nossos sentidos. Em termos neurobiológicos, "realidade" é pouco mais que um modelo *representativo* do mundo, um construto gerado por múltiplos circuitos neurais atuando em paralelo. Este modelo é baseado em experiências sensoriais recebidas pelo cérebro por meio dos sentidos, que podem detectar apenas a faixa mais estreita de estímulos. O olho humano, por exemplo, é sensível à radiação eletromagnética com um comprimento de onda entre 400-750 nm (nanômetro - unidade de comprimento equivalente à bilionésima parte de um metro), uma fração infinitesimal de todo o espectro. Nesse aspecto, os outros sentidos não são muito diferentes.

Desse modo, podemos pensar o cérebro como um rádio, sintonizado em apenas alguns bilhões de canais. Platão refere-se aos estreitos limites dos sentidos na passagem do mito da caverna presente na República

“Imagine seres humanos vivendo em uma caverna subterrânea, com uma entrada bem longa, aberta à luz e tão larga quanto a própria caverna. Eles estão lá desde a infância, fixados no mesmo lugar, com seus pescoços e pernas presos, capazes de ver apenas o que está à frente deles, porque suas correntes os impedem de girar a cabeça. A luz é fornecida por um fogo muito acima e atrás deles. Também por detrás, mas num lugar mais alto, há um caminho que se estende entre os acorrentados e o fogo. Imagine que ao longo desse caminho tenha sido construído um muro baixo, como a tela na frente de um teatro de marionetes acima dos quais eles mostram seus fantoches... Então, imagine também, que há pessoas que transitam ao longo da parede, carregando todos os tipos de artefatos que se projetam acima dela - estátuas de pessoas e outros animais, feitas de pedra, madeira e todo material. E, como seria de esperar, algumas pessoas conversam, riem e outras permanecem em silêncio”.

As pessoas presas nessa caverna recebem uma sugestão de realidade de sombras projetadas nas paredes. Elas podem ver a sombra de um objeto e construir uma representação mental desse objeto. Mas, de acordo com Platão, conhecer a *forma* do objeto não é suficiente para ter uma compreensão completa dele, que só pode ser obtida por uma experiência mais direta. Sendo assim, o mundo que percebemos não é mais ou menos real do que o percebido pelas pessoas na Matrix, pois nem nós nem eles realmente temos qualquer experiência direta desse mundo.

Em *The Marriage of Heaven and Hell* (A união do Céu e Inferno), Blake² reitera o argumento de Platão, e se refere diretamente à alegoria da caverna:

Se as portas da percepção fossem nítidas, tudo pareceria ao homem tal como é, infinito. Pois o homem se fechou, até ver todas as coisas pelas estreitas fendas de sua caverna.

Para William Blake, nos enganos sobre nossa compreensão da realidade. O argumento de Platão, como o de Descartes, envolve o engano de outras entidades. Enquanto Descartes acredita que está sendo enganado por seu gênio maligno sobre a natureza da realidade, os habitantes da caverna estão sendo enganados pelas marionetes por atrás das sombras. 'Realidade' para os habitantes da caverna é pouco mais do que as sombras que *dançam* nas paredes. Estas são meras impressões do que está por trás do muro, mas os habitantes da caverna os usam para construir seus modelos de mundo, porque é a única informação que eles têm.

²

William Blake. Poeta e artista plástico inglês.

Embora não precisemos ser tão céticos quanto Descartes, devemos ter em mente que ele estava, até certo ponto, correto. Mas não existem forças mal-intencionadas nos enganando sobre a natureza da realidade. São nossos sentidos e nossa mente que nos enganam, os primeiros fornecendo as informações extremamente limitadas sobre as quais nossa percepção da realidade é baseada, e a última usando essas informações para construir modelos de mundo. A verdade - acredite ou não - é que todos nós vivemos em uma Matrix, embora esta seja composta de várias centenas de bilhões de neurônios e dos quatrilhões (10²⁴) ou mais de sinapses formadas por eles.

The philosophy of The Matrix. By Neurophilosophy. Fonte:
h
t
t
p
s
://
s
c
i
e
n
c
e
b
l
o
g
s
.
c
o
m
/
n
e
u
r
o
p
h
i
l
o
s
o
p
h
y
/2007/08/04/the-philosophy-of-the-
m
a
t
r
i
x